

A emergência dos marcadores discursivos *note que e vá lá*: uma análise funcional centrada no uso

The emergence of discursive markers *note que* and *vá lá*: a usage-based functional analysis

Ana Cláudia Machado Teixeira *
anaclaudiamachadoteixeira@id.uff.br
Universidade Federal Fluminense

RESUMO: Neste artigo, analisamos a emergência dos marcadores discursivos *note que* e *vá lá* em contextos específicos, cuja vinculação de sentido e forma entre as subpartes constitui uma unidade – uma microconstrução - sob a perspectiva da Gramática de Construções (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013). A partir do suporte teórico da Linguística Funcional Centrada no Uso, interessa-nos examinar os padrões de uso dessas microconstruções, objetivando detectar os níveis de integração semântico-sintática e relacionando-os aos contextos em que estão inseridas. Interessa-nos também examinar os contextos que motivam a emergência de novos usos que articulam as crenças e posicionamentos dos produtores de textos. Para flagrar essa emergência, metodologicamente, optamos por comparar os usos em contextos fonte e em contextos de isolamento (DIEWALD, 2006), computando os tipos de sequências textuais em que os novos usos tendem a se fixar. Por fim, nas análises, identificamos a contribuição da abordagem construcional da gramática ao dar tratamento holístico aos dados.

PALAVRAS-CHAVE: Marcadores discursivos. Microconstruções. Mudança linguística.

ABSTRACT: In this article, we analyze the emergence of discursive markers *note that* and *go there* in specific contexts in which the linking of meaning and form between the subparts constitutes a unit – a microconstruction – from the perspective of the Grammar of Constructions (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013). Based on the theoretical support of Use-Centered Functional Linguistics, we are interested in examining the patterns of use of these microconstructions, aiming to detect the levels of semantic-syntactic integration relating them to the contexts in which they are inserted. We are also interested in examining the contexts that motivate the emergence of new uses that articulate the beliefs and positions of text producers. To capture this emergence, we methodologically chose to compare uses in source contexts and in isolation contexts (DIEWALD, 2006), computing the types of textual sequences in which new uses tend to settle. Finally, in the analyses, we identified the contribution of the constructional approach to grammar in giving a holistic treatment to the data.

* Doutora em Estudos de Linguagem pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Professora adjunta de Língua Portuguesa da UFF.

KEYWORDS: Discursive markers. Micro-constructions. Language change.

Introdução

Este artigo tem como objetivo apresentar marcadores discursivos (ou MD) como elementos procedurais da gramática atuantes no nível pragmático da língua portuguesa, analisando-os sob a perspectiva da Linguística Funcional Centrada no Uso, doravante LFCU. Trata-se, portanto, da emergência de elementos de caráter (inter)subjetivo que funcionam em termos de conexão textual-interativa, considerado como nível lato de conexão, articulando crenças e atitudes do falante em relação ao que é dito na proposição, marcando uma posição particular. Essa marcação permite que se ponha em relevo a opinião desse falante e que essa opinião seja focalizada por seu interlocutor. Para além dessa manobra, tais elementos permitem que o falante construa um caminho interpretativo de forma a convencer o interlocutor de seu projeto de dizer.

Para dar tratamento aos MD estudados neste artigo, partimos da definição de Risso, Silva e Urbano (1996, p. 21) para os quais essa categoria é composta por:

[...] um amplo grupo de elementos de constituição bastante diversificada, envolvendo, no plano verbal, sons não lexicalizados, palavras, locuções e sintagmas mais desenvolvidos, aos quais se pode atribuir homogeneamente a condição de uma categoria pragmática bem consolidada no funcionamento da linguagem. Por seu intermédio, a instância da enunciação marca presença forte no enunciado, ao mesmo tempo em que se manifestam importantes aspectos que definem sua relação com a construção textual-interativa.

Neste artigo, examinamos os padrões de uso de *note que* e *vá lá*, entendidos como uma *construção*, tomados como pareamento simbólico de sentido e forma, nos termos de Goldberg (1995; 2006) e Croft (2001). Nesse exame, levamos em conta o enfoque da LFCU, nos termos de Traugott e Trousdale (2013) e Bybee (2010), sob o pressuposto de que a língua, em todos os seus níveis, é uma rede de construções.

Tendo em conta o arcabouço teórico da LFCU, promovemos uma análise desses MD a partir do conceito de microconstruções, pareamentos de forma e significado

forjados em contextos específicos e que veiculam conteúdos distintos das subpartes que as compõem.

De acordo com Traugott e Trousdale (2013, p.11-12), entendemos que microconstruções são caracterizadas em termos de tamanho, grau de especificidade fonológica e tipo de conceito, sendo que essas dimensões são gradientes. De acordo com os autores, a dimensão do tamanho incorpora construções atômicas, complexas ou intermediárias. Em nosso caso, as microconstruções são complexas, já que são unidades construídas de pedaços analisáveis, como *note que* e *vá lá*.

A dimensão da especificidade fonológica compreende construções substantivas, esquemáticas ou intermediárias. Para os MD estudados, as construções têm especificidade substantiva, pois são completamente especificadas fonologicamente.

E, finalmente, com relação ao tipo de conceito, as construções são caracterizadas como plenas, de conteúdo (lexicais) ou procedurais (gramaticais). Como procedurais, os MD estudados têm sentido abstrato, posto que sinalizam relações linguísticas, perspectivas e orientações dêiticas. Como Traugott e Trousdale (2013, p. 11) descrevem: “elas [as construções] contribuem com informação sobre como combinar conceitos em uma representação conceptual”. Temos, então, que os MD estudados são microconstruções caracterizadas como complexas em seu tamanho, substantivas em sua especificidade e procedurais em seu tipo de conceito.

Partindo mais especificamente para as microconstruções *note que* e *vá lá*, entendemos que os elementos das microconstruções, suas subpartes, passaram por mudanças linguísticas, relativas aos processos de mudanças construcionais e construcionalização, levando à cristalização desses elementos e sua consequente rotinização, sendo codificadas numa unidade em prol de um único sentido convencionalizado, atuante em contextos específicos de uso.

A hipótese principal é a de que tais microconstruções, em determinados ambientes, deixam de ser formadas por dois vocábulos independentes para tornarem-se uma construção, uma unidade de sentido e forma usada em situações sintático-semânticas e discursivo-pragmáticas específicas. Em outras palavras, os itens dessas unidades perdem sua autonomia e deixam de exprimir seu sentido original, mais prototípico, passando a articular um novo sentido, em prol da eficiência comunicativa.

Nossos objetos de estudo passam de um domínio concreto para um abstrato ligado às relações textuais (inter)subjetivas. Em *vá lá*, o verbo parte do domínio de deslocamento no espaço para um mais abstrato de deslocamento nos

posicionamentos, nas crenças e opiniões; e o locativo, por sua vez, parte de um sentido físico-espacial de lugar para um lugar na opinião. Já em *note que*, o verbo de cognição ainda codifica uma atividade mental, ou seja, não corresponde a ações do mundo material, refere-se a reações mentais, de pensamentos, sentimentos e percepções. No domínio das relações textuais (inter)subjetivas, essa atividade de “reação perceptiva” leva o interlocutor para o trecho do texto em que deve direcionar sua atenção, a fim de suscitar uma interpretação. Há, assim, um caráter mais procedural, colocando-se em jogo a focalização de uma determinada proposição que se deseja pôr em relevo. Nesse contexto, o elemento “que” funciona como apoio na articulação dessa percepção, uma estratégia para integrar um trecho em destaque com uma opinião vinda na porção textual posterior. Essa estratégia objetiva, principalmente, promover a intersubjetividade a fim de se conquistar a adesão desse interlocutor.

Em ambos os casos de mudança, reconhecemos trajetórias rumo à abstratização das subpartes com conseqüente cristalização na forma e articulação de novos sentidos. Por conta disso, apoiados em Traugott e Trousdale (2013), podemos caracterizar nossos objetos como microconstruções quando atuantes como MD. Assim, assentados na realidade da língua em uso, cumpre-nos observar e descrever em que contextos as microconstruções tendem a atuar de forma a estabelecer os objetivos da interação por meio de sua função de marcação do discurso.

Como estamos tratando dos níveis de integração sintático-semântica dos elementos de *note que* e *vá lá* para atestar a emergência de novos usos como MD, não nos ateremos em flagrar a trajetória de mudança linguística por meio de micropassos ao longo do tempo. Dessa forma, apresentamos usos distintos e seus contextos específicos dos MD estudados por meio das várias dimensões observadas no par forma-sentido, quais sejam: fonológicas, morfossintáticas, semânticas, pragmáticas e discursivas, demonstrando a contribuição da abordagem construcional da gramática ao dar tratamento holístico aos dados.

Destacamos que o estudo apresentado, neste artigo, visa a demonstrar a emergência de novos usos de dois elementos procedurais na dimensão textual-interativa, *note que* e *vá lá*, atuando como MD. Tais elementos fazem parte de um conjunto maior de MD do projeto de pesquisa que está em sua fase inicial. Por conta disso, cumpre-nos salientar que, nesse estágio, partimos da análise de gêneros discursivos de cunho opinativo retirados do site [corpusdoportugues/now](http://corpusdoportugues.now), que

permitem observar o processo de mudança linguística. O corpus montado se ateve a artigos de opinião em colunas jornalísticas, notícias, entrevistas, reportagens, sobretudo de cunho opinativo, em que se percebe a predominância do tipo textual argumentativo, expositivo e injuntivo. Desse corpus inicial, para este artigo, devido ao espaço limitado, destacamos dezesseis excertos que melhor representam o fenômeno em estudo. Obviamente, após atestada a emergência nesse estágio inicial da pesquisa, é crucial selecionar um número robusto de dados a fim de proceder à pesquisa quantitativa.

Dessa forma, apesar de reconhecermos que a produtividade do fenômeno é um dos pilares para darmos tratamento a um dos fatores da construção, a esquematicidade, importa-nos atestar, nesse estágio, a emergência desses elementos. Exatamente pela produtividade do fenômeno nesses tipos textuais, no decorrer da pesquisa, ampliaremos os gêneros discursivos a fim de examinar se a tipologia textual argumentativa, expositiva ou injuntiva são, de fato, o locus principal desses MD. Isso porque, os contextos específicos, na LFCU, são extremamente importantes para a investigação da emergência de novos usos. Para nossa pesquisa, os tipos textuais configuram os contextos específicos em que flagramos usos específicos.

De todo modo, como nosso objetivo neste artigo é capturar as propriedades das microconstruções em suas seis dimensões, nos atemos, então, a examinar as suas propriedades morfossintáticas e discursivo-pragmáticas de forma a atestar os MD sob a perspectiva da LFCU e contribuir para os estudos relativos aos elementos procedurais no âmbito da conexão em nível textual-interativa.

Tendo em vista nosso objetivo, já destacado anteriormente, ressaltamos que as escolhas realizadas quanto à condução expositiva dos aspectos teóricos e textuais servem à sustentação de nossas análises. Por isso, optamos por dispor tais informações refinadamente de forma a acomodar os dados aos pressupostos que sustentam a análise. Por conta dessa opção, trouxemos excertos já na exposição desses pressupostos.

O artigo está estruturado em três seções, além da conclusão. Na primeira, destacamos pressupostos teóricos da LFCU que embasam nossas análises. No segundo, com o intuito de demonstrar o estatuto construcional de nossos objetos de pesquisa e atestar sua emergência, tratamos dos fatores da arquitetura das construções a partir da abordagem construcional de Traugott e Trousdale (2013). Na

terceira seção, apresentamos nossas análises levando em conta os contextos fonte e os contextos de isolamento, quando nossos objetos de pesquisa já se encontram convencionalizados. Metodologicamente, ao evidenciar, de um lado, os elementos em seus contextos fonte, com usos incorporados à estrutura frasal e, de outro, os elementos em seus contextos de isolamento, com usos voltados à conexão textual-discursiva, tencionamos evidenciar a emergência desses usos mais abstratos e intersubjetivos.

1 Perspectiva teórica da LFCU

Com base nos fundamentos teóricos que têm se pautado em pesquisas e produções bibliográficas de relevância (FURTADO DA CUNHA; OLIVEIRA; MARTELOTTA, 2003; OLIVEIRA; ROSÁRIO, 2009; TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013), os princípios da Linguística Funcional Centrada no Uso norteiam este artigo. Nesse contexto, partimos do pressuposto de que a gramática das línguas se constrói a partir do discurso, do uso concreto, criativo e interacional da língua, além disso orienta-se pela premissa de que conhecimento de mundo e conhecimento linguístico se inter-relacionam. A partir da perspectiva da LFCU, rotinas cognitivo-comunicativas vão sendo configuradas por meio da frequência de uso, ganhando regularidade e estabilidade na língua, tornando-se, assim, disponíveis na comunidade linguística e passando a integrar as gramáticas. Trabalhamos com a ideia de a sintaxe ser um molde do discurso.

O quadro teórico da LFCU se define como uma linha de pesquisa fundamentada na interface entre os estudos funcionalistas e cognitivistas. Dessa forma, de um lado, incorpora pressupostos básicos da vertente chamada clássica do Funcionalismo Linguístico norte-americano, doravante FL, e, de outro, congrega os estudos da Linguística Cognitiva, doravante LC.

Na base da LFCU, cognição e uso são essenciais para compreender as mudanças linguísticas. Dessa forma, os aspectos cognitivos da linguagem sempre permearam o FL, uma vez que a gramática de uma língua constitui um conjunto de princípios dinâmicos os quais

[...], se associam a rotinas cognitivas que são moldadas, mantidas e modificadas pelo uso. (...) a significação é negociada pelos interlocutores em situações contextuais específicas, o que torna

possível que os elementos linguísticos se adaptem às diferentes intenções comunicativas. (FURTADO DA CUNHA, 2008, p.181)

Na LFCU, a linguagem é compreendida a partir de um modelo construcional cuja unidade convencional simbólica básica da língua é a construção, concebida como um pareamento de forma e sentido (CROFT, 2001). A linguagem, portanto, é constituída de um sistema de signos que, como pareamentos, compreendem desde morfemas a gêneros discursivos. A ideia de unidade, convenção e simbolismo, neste caso, tem papel importante na definição, uma vez que a linguagem é conceptualizada como uma rede de construções.

Segundo Traugott e Trousdale (2013, p.1), as construções são convencionais porque “são compartilhadas entre um grupo de falantes”, são simbólicas porque são entendidas como signos, “associações tipicamente arbitrárias de forma e significado”, e são unidades uma vez que “algum aspecto do signo é tão idiossincrático (GOLDBERG, 1995) ou tão frequente (GOLDBERG, 2006) que o signo é entrincheirado como um pareamento (...) na mente do usuário da língua”.

Nossas pesquisas, portanto, consideram, como Traugott e Trousdale (2013, p. 3), que uma abordagem construcional para a linguagem leva em conta que a “estrutura linguística não é inata e que ela deriva de processos cognitivos gerais”. Para os autores, esses processos, na verdade, são “ações em que falantes e ouvintes se engajam, incluindo produção on-line e percepção”. Portanto, tais processos são decisivos para investigarmos como uma motivação pode vir a ser expressa por uma inovação e ser convencionalizada como uma mudança na comunidade linguística. A linguagem, nesse modelo, “é uma rede de relações entre construções” (2013, p. 45), daí que as mudanças estão interconectadas, podendo levar ao aumento ou à contração dessa rede.

Outro conceito que se ajusta ao quadro de trabalho da abordagem construcional adotada é o de gramática. Na LFCU, a gramática tem concepção holística, em que nenhum nível é autônomo ou nuclear, compreendendo semântica, morfossintaxe, fonologia, pragmática em conjunto. A própria gramática, entendida como conhecimento de um “sistema linguístico, é linguagem específica” (TRAUGOTT e TROUSDALE, 2013, p. 45) e está conectada à estrutura de uma língua em particular, como o português, por exemplo. Na LFCU, uma abordagem centrada no uso para a construção da gramática percebe a linguagem tanto estruturada como variável.

Como Bybee (2010, p. 1) destaca, a linguagem é “um fenômeno que exhibe estrutura aparente e regularidade de padrões enquanto ao mesmo tempo mostra considerável variação em todos os níveis”. Dessa forma, classes como a dos MD, embora tenham significado parcialmente sintático e pragmático-discursivo e, nesse último, tenham escopo maior do que uma sentença, são naturalmente incorporadas à gramática de uma língua. Dentre os modelos de gramática que se baseiam na construção como unidade mínima da língua, optamos por nos pautar em Croft (2001).

Assim, a partir da LFCU, para a análise da emergência dos marcadores discursivos *note que* e *vá lá*, nos detemos no exame dos fatores da arquitetura das construções descritos na seção seguinte.

2 Fatores da arquitetura das construções: atestando a mudança linguística

A atuação dos fatores de esquematicidade, produtividade e composicionalidade está vinculada aos estágios de mudança pelos quais as construções passam. Dessa forma, nesta seção, tencionamos notabilizar a emergência dos marcadores apresentados por meio de análises do grau de cada um desses fatores.

Novamente destacamos que, devido ao estágio inicial da pesquisa, nosso objetivo é atestar os novos usos. No decorrer dos estudos, promoveremos a ampliação do corpus com o levantamento dos MD estudados em outros gêneros discursivos para que verifiquemos se esses elementos procedurais estão mais ou menos convencionalizados em determinados tipos textuais.

Neste artigo, conforme mencionamos, não pretendemos rastrear os micropassos da mudança linguística, visto que nos atemos a comprovar esses novos usos em dados do português contemporâneo. Porém, sabemos que os usos flagrados em uma dada sincronia remetem a uma trajetória ao longo do tempo de um estágio mais concreto a outro mais abstratizado. Esses estágios de mudança ainda estão sendo investigados no contexto da nossa pesquisa acerca de uma tipologia de MD compostos por *verbos* junto a outros elementos, como *que* e a alguns locativos, como *aí, aqui e lá*.

2.1 Esquematicidade

Sendo um dos fatores que determinam a arquitetura de uma construção, a esquematicidade, de uma maneira geral, é “uma propriedade de caracterização que crucialmente envolve abstração. Um esquema é uma generalização taxonômica de categorias, sejam linguísticas ou não” (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2003, p. 13). Segundo os autores, (2013, p. 14), “esquemas linguísticos são abstratos, grupos semanticamente gerais de construções, sejam procedurais, sejam de conteúdo”¹. Eles são abstrações que se estabelecem “através de conjuntos de construções que são (inconscientemente) percebidas pelos usuários da língua sendo intimamente relacionados uns aos outros em uma rede construcional”.

Os graus de esquematicidade se relacionam aos níveis de generalidade ou especificidade da rede construcional, “esquemas são frequentemente discutidos em termos de espaços (slots) e em como estruturas simbólicas são reunidas dentro deles (2013, p. 14)”². Nesse sentido, a ideia de gradiência é intrínseca à de esquematicidade. Para os autores (2013, p. 16), a gradiência se realiza de duas maneiras: na primeira, é atribuída em uma escala de “mais ou menos em que a boa formatividade é uma questão de convenção”, ou seja, o grau de esquematicidade está relacionado ao grau de convenção da construção – quanto mais esquemático, mais convencionalizado. Na segunda realização, a gradiência se relaciona às distinções hierárquicas que podem ser feitas na taxonomia da construção. A ideia é a de que níveis mais altos comportam mais slots com menos restrições de preenchimento e níveis mais baixos, menos slots com mais restrições.

Como observamos anteriormente, as microconstruções *note que* e *vá lá* são substantivas, assim caracterizadas em termos de especificidade fonológica. Nesse sentido, ao se tratar do fator esquematicidade, vamos analisá-las sob a perspectiva da gradiência, conforme orienta a teoria. A primeira maneira de realização da esquematicidade em termos de gradiência é o grau de convencionalidade, tendo em vista que esses usos já não comportam análises no nível do predicado de onde postulamos que essa estrutura se origine. Vejamos as diferenças entre o uso como parte do predicado e o uso como MD.

(1) Quando for fazer xixi, tudo o que você precisa fazer é coletar uma quantidade expressiva da urina em um recipiente esterilizado, como um pote de exame, por exemplo. Depois é só tampá-lo e deixar que o xixi descanse paradinho, em uma superfície plana, por 24 horas. # No dia seguinte, caso ***note que*** se formou

¹ *Ibidem.*

² *Ibidem.*

uma camada fina e esbranquiçada sobre a urina é possível que você esteja esperando um bebê.

Corpusdoportugues.org/now, reportagem, tipo expositivo

(2) Ao falar de economia de maneira mais abrangente, poderia esclarecer seu ponto de vista dando um exemplo sobre as possibilidades de investimento de forma ampla e outro, mais específico, em o desenvolvimento de o turismo. Assim, todos seriam contemplados. **Note que** em certas circunstâncias apenas um exemplo ou explicação adicional sobre a informação que interessa a o ouvinte poderá ser suficiente. Esse é, sem dúvida, o maior e mais importante segredo de a comunicação: ter a consciência de o que os ouvintes desejam.

corpusdoportugues.org/now, artigo de opinião, tipo argumentativo

(3) Porém, como relacionamento, meio que deu uma balançada. Mas isso não foi o motivo assim, específico. Eu falei, ' não tô bem, **vá lá**, faça seu trabalho, espaiреça um pouco, divirta-se' ", explicou o astro. # Sobre a possibilidade de reatarem o romance, Léo afirmou que o término é definitivo.

Corpusdoportugues.org/now, reportagem, tipo injuntivo

(4) Por certo, todos os assuntos serão submetidos ao jogo de enormes interesses. # Evidentemente, não se pensou, nem de longe, na lista apresentada, no tema principal da sociedade brasileira: a educação das gerações. Mas, **vá lá**. Isso também já se sabia. A cultura política de toda essa cúpula não consegue alcançar os sentidos da educação no mundo.

corpusdoportugues.org/now, artigo de opinião, tipo argumentativo

Comparando os usos de *note que* em (1) e (2) e os usos de *vá lá* em (3) e (4), podemos identificar que, nos primeiros exemplos de cada par, temos elementos integrados à estrutura do predicado. Mesmo que entendamos usos convencionais em estruturas de predicado, a atuação dessas combinações é mais lexical, no sentido de articularem sentidos e funções como verbo pleno e como seus complementos, oracionais ou não. Conforme postulado por Teixeira (2015), essas estruturas de predicado são o *locus* da mudança, já que usualmente partem de lá usos mais abstratos, mais convencionalizados, forjando elementos mais procedurais. Por essa razão, estamos considerando esses contextos como fonte de elementos mais procedurais, como elementos da gramática que se prestam à conexão (inter)subjéctiva e à coesão textual-interativa.

Nesse sentido, nessa primeira maneira de realização da esquematicidade, o *grau de convencionalidade*, estamos atrelando usos mais concretos, originais, fonte com a atuação no nível do predicado cujos contextos originaram estruturas mais procedurais, no nível da marcação do discurso.

A partir da segunda maneira de realização do fator esquematicidade, como substantivas, entendemos que, no nível de microconstruções, esses elementos

procedurais de cunho pragmático são exemplares de construções mais esquemáticas como *X-que* e *VLoc_{MD}*. São, portanto, instanciações que subscrevem os usos mais concretos desses esquemas, tendo em vista que, em níveis mais altos, comportam mais slots com menos restrições de preenchimento e níveis mais baixos, como os estudados neste artigo, comportam menos slots com mais restrições.

Como observamos anteriormente, por ora nos detemos na descrição dessas microconstruções, contudo, a título de exemplificação, trazemos um exemplo de Arena e Teixeira (2021) em que o esquema *X-que* é instanciado pela microconstrução *daí que* e um exemplo de Teixeira (2015) em que o esquema *VLoc_{MD}* é instanciado pela microconstrução *vamos lá*. A ideia é apresentar a nossa linha de investigação de que *note que* e *vá lá* são microconstruções, distinções hierárquicas que tencionamos fazer na taxonomia de construções produtoras de MD, tais como os esquemas apresentados.

(5) Entendemos que a educação passa pela formação dos processos que interferem na existência do cidadão enquanto ser social e político, ***daí que*** o interesse em dar continuidade ao trabalho intelectual, ao aprimoramento pessoal foram as razões que nos conduziram ao doutorado em educação, por considerá-lo o locus privilegiado para questionamentos acerca de saberes profissionais. (Tese de doutorado. Maria Solange Pereira, 2001)

Nesse exemplo, a microconstrução *daí que* representante do esquema *X-que* atua como um conector lógico-argumentativo, contribuindo com a tessitura textual na medida em que conecta porções do texto e aponta para a expressão de resultado por meio do estabelecimento de relações argumentativas, seja de consequência, seja de conclusão.

No estabelecimento da rede de conectores, entendemos que exemplares como *daí que* em (5) e *note que* em (2) são instanciações de um mesmo esquema *X-que*, atuando como nós distintos em seus usos específicos, contudo ligados, na medida em que estabelecem a função conectora. Entendemos que, no nível das microconstruções, *daí que* atua em um nível mais sintático de conexão mesmo que interfrasticamente, já *note que* atua em um nível mais pragmático de conexão em que se inclui particularidades como explicitação de crenças e posições do produtor do texto sobre o que é dito na proposição. Por conta disso, no último caso, estamos postulando um nível “lato” no que se refere aos desdobramentos da conexão entre partes do discurso.

A título de exemplificação da construção mais esquemática *VLoc_{MD}* a qual *vá lá* integra, apresentamos o MD *vamos lá*.

(6) Sim, na linguagem do Senado a "nobreza" pode vir junto com a "mentira", a "excelência" com a "culpa", mas **vamos lá** – isto não é defeito, mas virtude.

corpusdoportugues.org/now, blog, tipo argumentativo

Em (6), a microconstrução *vamos lá*, representante do esquema *VLoc_{MD}*, atua como MD na articulação de pontos de vista estabelecidos pelo produtor textual no contexto. Com a seleção do verbo na 1^a. pessoa do plural, o foco se movimenta para o ouvinte, ou seja, o falante passa a codificar significados em relação às atitudes do ouvinte. É uma estratégia de fortalecimento de sua expressividade nessas situações discursivas, convencionalizando as implicaturas conversacionais na medida em que a construção com *vamos* atua como uma forma linguística sistematizada para exprimir a parceria de pontos de vista entre o falante e o ouvinte, caso esse típico do tipo de texto argumentativo e exortativo.

Nesse caso, entendemos que exemplares como *vá lá* em (4) e *vamos lá* em (6) são instanciações de um mesmo esquema *VLoc_{MD}*, atuando como nós distintos em seus usos específicos, fazendo parte de um único esquema. A exemplo do que acontece com *note que* em (2), ambos os exemplares atuam em um nível mais pragmático de conexão em que se marca a posição clara de um produtor textual que direciona a sua opinião para seu interlocutor com o propósito de convencê-lo.

2.2 Produtividade

Segundo Traugott e Trousdale (2013, p.17):

A produtividade de uma construção é gradiente. Ela refere-se a esquemas (parciais) e se relaciona com sua extensibilidade (BARÖDAL, 2008), i) na medida em que elas sancionam outras construções menos esquemáticas, e ii) na medida em que elas são limitadas (BOAS, 2008).

Nesse sentido, a produtividade de uma construção pode se relacionar ao quanto ela tem seus usos estendidos. Quanto mais usada uma construção é, maior a possibilidade de aumento na quantidade de instanciações distintas dessa construção, conseqüentemente a tendência é o aumento da sua produtividade. A questão da gradiência se refere à extensibilidade e à restrição que são geradas pelas pressões de informatividade típicas das relações interativas. A expressividade torna-se

relevante nas trocas comunicativas, já que o falante deseja dissuadir e persuadir seu interlocutor. No jogo da linguagem, por outro lado, é imperativo ser coerente e tangível o que, de certa forma, inibe usos incomuns e ininteligíveis.

A produtividade está ligada à frequência *token* e *type* da construção, que são conceitos amplamente discutidos na literatura do FL. Segundo Bybee (2010), a frequência *token* diz respeito ao número de vezes em que a mesma unidade ocorre em um texto, já a *type*, ao número de diferentes expressões de um padrão particular.

Traugott e Trousdale (2013) traçam um paralelo entre frequência *token* e frequência do constructo e frequência *type* e frequência da construção. Dessa forma, o aumento na frequência de uso significa aumento na frequência do constructo. Segundo os autores (2013), quanto mais os falantes usam instâncias de uma construção e as repetem, mais rotinizadas e automatizadas elas se tornam. Além disso, quanto mais rotinizadas e automatizadas essas instâncias são, mais se tornam disponíveis para diferentes colocações, ampliando a gama de possibilidades de usos *types* distintos. Nesse último caso, há aumento de frequência *type*.

O *locus* original da pesquisa funcionalista está no nível mais baixo, concernente aos usos efetivos ou constructos, o uso da língua nos contextos de uso. É com base nos *tokens* que se chega à proposição dos níveis (micro, meso, macro, conforme TRAUGOTT (2008)), uma vez que, a partir das microconstruções *types*, trabalha-se com níveis mais abstratos, com virtualidades, e não com usos efetivos.

Com relação a esse fator, estamos estudando essas microconstruções a partir de dois esquemas maiores, *note que* seria um MD atrelado a uma rede maior dos conectores do esquema *X-que*, forjado a partir do domínio funcional da conexão. Consideramos que os MD compostos por uma subparte com elemento “que” podem ser o resultado de uma extensão dessa rede maior de conectores *X-que* que se desdobra em elementos mais sintáticos e em elementos mais pragmáticos. Essa postulação carece de maiores pesquisas que estão sendo desenvolvidas no projeto atual por meio da microconstrução *note que*, bem como *vai que* e *veja que*.

Vá lá, por sua vez, é um MD atrelado a rede de marcadores $VLoc_{MD}$, tendo sido estudado por Teixeira (2015) em sua tese de doutorado. Na oportunidade, foi levantado que esse MD atua como microconstrução articulando posições e crenças, assim como atitudes do produtor textual acerca do que está sendo dito em prol da articulação de seu ponto de vista junto ao interlocutor. Portanto, trata-se de uma atuação bem intersubjetiva, exemplificando o potencial desses elementos nos textos.

Esse MD é extremamente produtivo, atuando em contextos distintos e articulando sentidos distintos, marcando, assim, novas extensões, como pode ser observado nos exemplos a seguir:

(7) Nós conhecemos a ilha hoje à tarde, pelas mãos do próprio Jean-Paul, no INFOLAB, numa telona full HD de 52 polegadas, e babamos. **Vá lá** e comprove.

corpustoportugues.org/now, blog, tipo injuntivo

Em (7), a posição tanto do verbo quanto do advérbio, em sequência, não os define como microconstruções, visto que o sentido indicado pelo verbo *ir* é de deslocamento concreto no espaço, portanto, pleno em sua origem. Com relação ao advérbio *lá*, esse elemento indica um lugar físico. O contexto em que se insere essa combinação de *vá lá* representa uma sequência injuntiva de um blog, em que o produtor textual tenciona apresentar informações sobre um lugar específico, com o propósito de imprimir imparcialidade, o que revela exposição de ideias, uma forma de situar-se no conhecer. Ao constituir seu texto, o autor faz uma escolha quanto à direção para abordar o assunto, selecionando *vá lá* apenas como um encorajamento, estímulo, uma incitação a fim de gerar uma ação.

(8) Só isso. Ainda que, **vá lá**, os tradicionais adversários tivessem se juntado em Belo Horizonte, que, ao menos, tal união tivesse honrado a política com uma liderança real.

corpustoportugues.org/now, blog, tipo argumentativo

Em (8), observamos a microconstrução *vá lá*, que, a partir de um sentido fundado em situações extralinguísticas, se desloca para outro fundado na expressão do falante. Esse sentido expressivo se embasa em uma atitude mais pessoal ao contrário do proposicional, que corresponderia a uma atitude menos pessoal. Nesse estágio, a atitude do falante exprime sua subjetividade com respeito à situação discursiva ancorada no contexto, portanto, maior subjetividade atuando na convencionalização da unidade. Estruturalmente, percebe-se uma função modalizadora, típica de comentário pessoal, ortograficamente marcada pelas vírgulas, que se sumariza no gradiente deslocamento no espaço (emissor) > deslocamento na expressividade (opinião). O contexto específico formado pelo gênero blog e a sequência tipológica argumentativa favorecem a convencionalização da construção em uma função particular. Em termos de abstratização, o deslocamento do sentido mais referencial para um mais expressivo atesta transferência entre domínios. Assim,

tanto a forma verbal *vá* quanto o locativo *lá*, ao contrário de (3), não exprimem seus sentidos prototípicos.

2.3 Composicionalidade

Traugott e Trousdale (2013, p.19) esclarecem que a composicionalidade está relacionada à transparência de ligação entre forma e sentido. É “geralmente pensada em termos tanto de semântica (o significado das partes e do todo) quanto das propriedades combinatórias do componente sintático”. No que se refere à abordagem construcional, a composicionalidade é analisada em termos de compatibilidade e incompatibilidade entre os aspectos da forma e do sentido. Dessa forma, “se o constructo é semanticamente composicional, então tão logo o falante produza uma sequência sintaticamente convencional o ouvinte entende o sentido de cada item individual”³, assim “o ouvinte será capaz de decodificar o sentido do todo”⁴. Se, ao contrário, o constructo não for composicional, “haverá uma incompatibilidade entre o significado dos itens individuais e o significado do todo”⁵.

A analisabilidade é um conceito que se relaciona com a composicionalidade. Os autores entendem a primeira com um subtipo da última, sendo ambas gradientes. Para os autores, a analisabilidade está ligada ao quanto o falante reconhece o significado das partes que compõem o todo e ao quanto ele trata essas partes distintamente. Assim, como podem ser analisadas nos exemplos abaixo, as combinações dos elementos (ou subpartes) nos MD (verbo e elemento “que” ou locativo), apesar de poderem ser identificadas individualmente em termos morfofonológicos, não o são em termos de propriedades sintáticas nem como na dimensão do sentido da construção. Ao contrário, as combinações precisam ser tratadas conjuntamente, levando em consideração, inclusive e sobretudo, o contexto em que estão inseridas.

A seguir exemplos com a microconstrução *note que* e *vá lá*:

(9) Olhando para a frente, projeções oficiais dos Estados revelam a perspectiva de déficits médios anuais de R\$ 35, 2 bilhões em 2019-2020. Levados ao final dos atuais mandatos, implicariam a acumulação de R\$ 70, 4 bilhões em nova rodada de atrasados. Caos financeiro. **Note que** a reforma em exame implicaria um ajuste de um terço dos atuais déficits. Daí sua importância. # Por trás disso, está principalmente a explosão dos déficits

³ *Ibidem.*

⁴ *Ibidem.*

⁵ *Ibidem.*

previdenciários, que, depois de virem crescendo a taxas altas, pularam de uma média de R\$ 23 bilhões em 2006-12, para R\$ 101, 9 bilhões, em 2018, e tendem a continuar subindo rapidamente.

corpustoportugues.org/now, artigo de opinião, tipo argumentativo

(10) Nem é necessário citá-los, pois diariamente eles estão na mídia. Por certo, todos os assuntos serão submetidos ao jogo de enormes interesses. # Evidentemente, não se pensou, nem de longe, na lista apresentada, no tema principal da sociedade brasileira: a educação das gerações. Mas, *vá lá*. Isso também já se sabia. A cultura política de toda essa cúpula não consegue alcançar os sentidos da educação no mundo

corpustoportugues.org/now, artigo de opinião, tipo argumentativo

Tanto em (9) quanto em (10), temos microconstruções atuando como MD. Ao analisarmos esses contextos, observamos que esses elementos facilitam o processamento do discurso e evidenciam a presença do produtor textual, sinalizando ao interlocutor de que maneira ele deve compreender a informação transmitida na sequência. Dessa forma, funcionam como coadjuvantes, na medida em que enfatizam o rumo da interlocução, acentuando a intersubjetividade. Por conseguinte, inserem-se, predominantemente, em sequências tipológicas argumentativas que permitem uma leitura exortativa, uma vez que é extremamente intersubjetiva.

Assim, como podemos examinar nos exemplos acima, as subpartes *verbo* + elemento *que* ou *verbo* + *locativo*, apesar de não sofrerem contrações na forma não mais são analisáveis como elementos autônomos que se relacionam na estrutura sintática da frase. As microconstruções possuem funções conectoras e suas subpartes estão cristalizadas em termos de sintaxe, uma vez que as fronteiras se deslocam. Já em termos de função, fica clara a atuação como MD, sobretudo levando em consideração a análise pragmática e discursivo-funcional na medida em que articulam outros sentidos em prol da organização e coesão textual.

No caso de *vá lá*, em que já havia uma integração no predicado como verbo e complemento circunstancial, há uma mudança no nível, uma vez que esse complemento está fundido ao elemento verbal, funcionando como um afixoide⁶.

Em *note que*, a fronteira se desloca para depois do elemento *que*, como podemos observar em (9). Dessa forma, há também uma fusão das subpartes em um mesmo nível hierárquico, ao contrário da atuação da conjunção integrante no período composto por subordinação.

⁶ Nos termos de Traugott e Trousdale (2013, p.154), um afixoide é um elemento que se torna semelhante a afixos por ter um significado especializado quando incorporado em compostos. Eles ainda não são afixos porque correspondem a lexemas, isto é, formas que não se ligam, mas o seu significado difere quando são utilizados como lexemas independentes.

Por fim, Traugott e Troudale (2013) observam que esses fatores reunidos funcionam como variáveis de análise para verificarmos a mudança linguística em curso, ou seja, para identificarmos os micropassos da mudança. Dessa forma, se um constructo for mais esquemático, mais produtivo e menos composicional, temos que a mudança ou está consolidada ou está em vias de se consolidar. Se, ao contrário, o constructo for menos esquemático, menos produtivo e mais composicional, a mudança pode estar ainda no nível da inovação. É importante não perder de vista que, em todos os níveis da análise, há gradiência e, assim, neste estudo, optamos por indicar como essas variáveis atuam em cada contexto em que estão inseridas.

Nesta seção, procuramos identificar a emergência dos MD *note que* e *vá lá*, a partir do suporte teórico da LFCU. Esses elementos procedurais são extremamente importantes e nosso propósito é estudá-los de forma a incorporá-los aos estudos dos mecanismos de conexão, atestando a necessidade de trabalharmos com a gramática plural, contextualizada tão necessária à pesquisa e ao ensino de língua portuguesa.

3 Exame dos contextos e padrões de uso de *note que* e *vá lá*

Esta seção tem como objetivo principal evidenciar os padrões de uso dos MD emergentes *note que* e *vá lá* em seus respectivos contextos de uso. Entendemos que tais contextos motivam o recrutamento desses elementos para articular a intencionalidade do produtor do texto, suas crenças e atitudes em relação ao que diz e/ou apresenta.

3.1 *Note que* e *Vá lá* – usos vinculados à estrutura frasal

Nesse contexto, enfocam-se os itens lexicais verbo e advérbio ou verbo e conjunção integrante como palavras sintáticas e semanticamente autônomas, vistas, assim, como partes do predicado. O verbo de movimento e o advérbio locativo são interpretados em seus usos prototípicos; o primeiro referindo-se ao deslocamento de alguma coisa de um lugar para outro; o segundo, indicando um espaço físico-concreto. Também o verbo de cognição e a conjunção integrante retratam usos mais prototípicos; o primeiro ainda codifica uma atividade mental, ou seja, não corresponde a ações do mundo material, mas refere-se, no nosso caso, a percepções. Como destaca Souza (2006, p.461), “os processos mentais lidam com a apreciação humana

do mundo. Através de sua análise, é possível detectar que crenças, valores e desejos estão representados em um dado texto” (grifo da autora). Por sua vez, a conjunção integrante ainda continua articulando o verbo ao seu objeto direto oracional, atuação exemplar em períodos compostos por subordinação. Vejamos os exemplos abaixo:

(11) Quando for fazer xixi, tudo o que você precisa fazer é coletar uma quantidade expressiva da urina em um recipiente esterilizado, como um pote de exame, por exemplo. Depois é só tampá-lo e deixar que o xixi descanse paradinho, em uma superfície plana, por 24 horas. # No dia seguinte, caso **note que** se formou uma camada fina e esbranquiçada sobre a urina é possível que você esteja esperando um bebê.

Corpusdoportugues.org/now, reportagem, tipo expositivo

(12) Eles começavam fazendo serviços gerais e iam se adaptando ao ambiente, até se tornarem garçons, vestidos a caráter, com bombachas, botas e cinturões de couro, aspiração máxima de todos eles. Um desses jovens já trabalhava havia um bom tempo, quando, em um Dia das Mães, com a falta de dois titulares, ele recebeu a esperada ordem do patrão, apontando para o banheiro: " **Vá lá**, tome banho e troque as roupas, pois você irá servir as mesas ".

Corpusdoportugues.org/now, blog, tipo injuntivo

Em (11), a combinação do verbo de cognição com a conjunção integrante evidencia um esquema, V+complemento, muito produtivo na língua portuguesa e em outras línguas naturais. Nesse caso, a conjunção, em seu uso mais prototípico, permite a ligação entre o verbo e seu complemento. É possível identificar que o verbo atua em uma oração principal, OP, em que o sujeito está oculto - “caso (você) note”. Já a conjunção encabeça a oração subordinada substantiva objetiva direta, OSSOD, formando, assim, um período composto. Ao contrário do uso como marcador, essa combinação preserva a identidade das subpartes e a integração sintática no plano do predicado evidencia o contexto fonte a que estamos nos referindo neste artigo.

Outra questão a observar é o texto de cunho procedimental em que o produtor elenca instruções para que o interlocutor as execute. O tipo textual predominante é o injuntivo. É natural que, em textos procedimentais ou instrucionais, haja estruturas condicionais para o caso de haver situações que não se enquadram nas instruções. Em (11), na sequência em que a combinação “note que” se situa, temos uma estrutura condicional encabeçada pela conjunção “caso”, o que permite o verbo estar flexionado na 3ª pessoa do singular do presente do indicativo. Da maneira como o produtor textual compôs seu texto, é notória a atuação da OP em um plano sintático superior com a articulação da OSSOD, em um plano sintático inferior, subordinado, apresentando o seguinte esquema das fronteiras sintático-semânticas: [caso (você)

note] [que se formou uma camada fina e esbranquiçada sobre a urina]. Concluimos, portanto, que, nos casos em que a combinação “note que” atua em um período composto, um contexto fonte, em seu uso mais prototípico, há uma fronteira clara entre a forma verbal “note” e a conjunção integrante “que”, o que é comum nesse tipo de emprego.

Por conta desse uso, consideramos que esse contexto pode ser considerado originário ou fonte de usos mais abstratos em que as subpartes se fundem em prol de uma articulação no nível da conexão como um MD, mesmo que não haja fusão morfológica.

Em (12), a posição tanto do verbo quanto do advérbio, em sequência, não os define como microconstrução, visto que o sentido indicado pelo verbo *ir* é de deslocamento concreto no espaço, portanto, pleno em seu contexto fonte. Com relação ao advérbio *lá*, o termo está indicando um lugar físico, determinando que o objeto do mundo se localiza em um ponto do espaço distante do falante e de seu interlocutor. Estamos diante do mesmo esquema, V+complemento, agora instanciado pela combinação de verbo + complemento circunstancial. O contexto em que a combinação se insere representa uma sequência injuntiva que aponta como o interlocutor deve se portar diante de uma exortação. Nesse caso, uma ordem para que esse interlocutor se desloque espacialmente em direção ao banheiro para que o empregado possa tomar banho e ir servir as mesas. Temos novamente uma oração em que o verbo, nesse caso “ir”, atua em um contexto que estamos chamando de fonte pela atuação mais prototípica tanto em termos de forma como de função. Nessa combinação, o verbo está flexionado na 3ª pessoa do singular do imperativo afirmativo ao lado de seu complemento circunstancial que indica deiticamente o banheiro, atuando em um período composto por coordenação.

3.2 Note que e Vá lá – usos como microconstruções, MD

Funcionando como MD, *vá lá* é uma microconstrução, um novo nó, na rede do esquema VLoc_{MD}. Observamos a cristalização do verbo *ir* na 3ª. pessoa do singular. O verbo nessa pessoa do discurso direciona a atenção do destinatário àquilo que foi dito e funciona como um indicador da opinião do falante, expressando um comentário modalizador. Por sua vez, o locativo “lá” funciona como um afixoide. Nesse caso, o afixoide “lá”, conforme postulado por Teixeira (2015), contribui para a unidade de sentido com semântica e com pragmática

especializada de *afastamento*, ou seja, algo que é descomprometido, desengajado. Entendemos que tal contribuição faz parte do elo de correspondência que o liga à forma verbal simbolicamente.

O contexto preferencial de uso do marcador *vá lá* tem por característica principal a argumentação presente na situação comunicativa. É fato que os MD, de uma forma geral, servem à argumentação, tendo em vista que enfatizam o discurso do falante que, em última instância, deseja a aquiescência do interlocutor. Há, entretanto, nas instanciações de *vá lá*, uma tendência aos ambientes em que se percebe uma dessemelhança entre os parceiros da comunicação ou entre o falante e uma situação a que ele se refere, conforme verificamos em (13):

(13) Parece que a revista People perdeu o foco em sua última lista de mais-mais que ela sempre inventa. Afinal, o que dizer das amigas Lindsay Lohan e Nicole Richie, eleitas como as mais descoladas? Fossem as mais antipáticas, *vá lá*. E Matthew McConaughey com Penélope Cruz (ao lado) como o casal mais bonito - será? Por fim, Beyoncé (2), eleita a mais bem produzida. Dê uma espiada na foto ao lado e confira você mesmo: qualquer semelhança com dançarinas de axé terá sido mera coincidência. Ou não.

corpusdoportugues.org/now, notícia, tipo argumentativo

Vá lá surge após o trecho que indica a discordância com relação à situação, como em (13) “Afinal, o que dizer das amigas Lindsay Lohan e Nicole Richie, eleitas como as mais descoladas? Fossem as mais antipáticas”. Após o trecho, *vá lá*, fazendo parte de uma estrutura que exprime condição, serve de base para a concessão que fica subentendida no contexto de hipótese, instaurado logo no início do texto “parece que (...)”. Essa concessão, pautada nas crenças e posturas desse produtor textual objetiva, no contexto das notícias do meio artístico, manifestar uma opinião por meio de uma estratégia de deboche em relação à lista da revista People. Dessa forma, a autora busca não só informar o leitor de sua coluna, mas sobretudo indicar um caminho interpretativo para o que expôs anteriormente.

Nesse trecho, também fica evidente a característica dos MD de serem retirados da sentença sem prejuízo do conteúdo da mensagem, embora se minimize a informação pragmática. O MD *vá lá* promove um deslocamento da opinião através da concessão que ele articula no plano da organização textual-interativa, uma vez que a autora pretende fazer com que o interlocutor movimente sua opinião/avaliação em relação à situação exposta por ela e, assim, concorde com ela.

No próximo exemplo, *vá lá* novamente atua como microconstrução na função de MD já que suas subpartes estão totalmente convencionalizadas em prol da articulação de uma nova função. Vejamos a análise por meios das propriedades da construção.

(14) Só isso. Ainda que, **vá lá**, os tradicionais adversários tivessem se juntado em Belo Horizonte, que, ao menos, tal união tivesse honrado a política com uma liderança real.

Corpusdoportugues.org/now, blog, tipo argumentativo

Em (14), observamos que a microconstrução *vá lá*, a partir de um sentido fundado em situações extralinguísticas, se desloca para outro fundado na expressão do falante. Esse sentido expressivo se embasa em uma atitude mais pessoal, numa tomada de posição explícita diante do conteúdo apresentado no texto, ao contrário de uma exposição, que corresponderia a uma atitude menos pessoal. Nesse estágio, a posição do falante exprime sua subjetividade com respeito à situação discursiva ancorada no contexto. Essa exposição da subjetividade parece ser a estratégia selecionada pelo produtor textual para lançar um caminho interpretativo para seu interlocutor. No jogo de cena, o que está por trás dessa estratégia é o convencimento do interlocutor, de forma que este concorde com o ponto de vista do autor.

No caso de (14), novamente se destaca uma função modalizadora, típica de comentário pessoal, também marcada pelas vírgulas. O contexto específico formado pelo gênero *blog*, a sequência tipológica argumentativa e nela a estrutura concessiva encabeçada pela locução conjuntiva “ainda que” favorecem a convencionalização de “vá lá” numa função particular. Em termos de abstração que favorece a criação de elementos conectores, o deslocamento do sentido mais referencial para um mais expressivo exprime uma trajetória típica de elementos mais procedurais da gramática. Assim, tanto a forma verbal *vá* quanto o locativo *lá*, ao contrário de (12), não exprimem seus sentidos prototípicos.

Na sequência, apresentamos dois exemplos do MD *note que*. Observamos que a estratégia veiculada por esse MD é bem distinta da do MD *vá lá*. Contextos distintos articulam estratégias distintas, portanto recrutam MD distintos, dependendo do projeto de dizer do produtor textual. Vejamos:

(15) Apesar de uma porção dos novos ricos de fato serem (ou se tornarem) milionários, a grande prioridade não é esta, mas sim gerarem ativos que oferecerão mais liberdade de tempo e maior mobilidade. Os Novos Ricos colocam tempo e energia na construção de agentes de renda passiva, através de investimentos ou negócios, para a criação de estilos de vida luxuosos. **Note que** estilos de vida luxuosos, neste contexto, não necessariamente significa extravagâncias relacionadas com bens materiais (de consumo), mas sim o luxo de tempo e mobilidade. Tudo isso você encontrará explicado no Programa Novos Ricos criado pelo influenciador João Pedro Alves, onde no seu site conseguimos encontrar vários relatos de pessoas que já aderiram ao método. Testemunhos como esses servem para mostrar a importância do empreendedorismo digital!

Corpusdoportugues.org/now, notícia, tipo injuntivo

(16) Ao falar de economia de maneira mais abrangente, poderia esclarecer seu ponto de vista dando um exemplo sobre as possibilidades de investimento de forma ampla e outro, mais específico, no desenvolvimento do turismo. Assim, todos seriam contemplados. **Note que** em certas circunstâncias apenas um exemplo ou explicação adicional sobre a informação que interessa ao ouvinte poderá ser suficiente. Esse é, sem dúvida, o maior e mais importante segredo da comunicação: ter a consciência do que os ouvintes desejam. Tendo em vista o resultado consumado das eleições no Brasil e nos Estados Unidos, por que será que, "aparentemente", contrariando a maneira de pensar dos eleitores, entre tantos motivos, Trump e Bolsonaro venceram as eleições?

Corpusdoportugues.org/now, artigo de opinião, tipo argumentativo

Tanto em (15) quanto em (16) temos uma porção textual que antecede o MD classificada como expositiva. Nesse tipo textual, o objetivo primordial é apresentar uma mensagem da forma mais clara e objetiva possível. Portanto, temos em geral um texto de cunho analítico, preciso, esclarecedor e compreensível, proporcionando ao interlocutor informações suficientes para compreender o assunto ou interpretar os dados. Ao introduzir o MD *note que*, o produtor do texto prepara o interlocutor para a seleção de um determinado trecho nessa porção que irá se conectar com a porção subsequente. A estratégia é focalizar esse trecho, colocá-lo em relevo para que a argumentação posta na sequência ganhe maior expressividade.

Em (15), o MD recupera textualmente o trecho "estilos de vida luxuosos", colocando em relevo essa informação, focalizando-a de forma a explorar melhor o que ele entende como esse estilo. Para esse relevo, essa focalização sobrelevar a opinião, o autor utiliza na sequência, após o MD, uma estrutura correlata "não necessariamente isso, mas sim aquilo". Nesse trecho, o autor organiza o discurso por meio da apresentação do argumento mais fraco em primeiro plano e apresentação do argumento mais forte em segundo plano, produzindo um contraste entre duas ideias, estabelecido por meio da polaridade no par 'não' e 'sim'. O objetivo é substituir a primeira declaração "significa extravagâncias relacionadas com bens materiais (de consumo)" pela segunda "o luxo de tempo e mobilidade".

Podemos observar que há um jogo argumentativo, de alta complexidade, cuja intenção é apresentar ao leitor ou interlocutor uma alta carga de persuasão, de modo a impactá-lo e convencê-lo de alguma ideia proposta, colocada em extrema evidência pelo MD *note que*. Tudo o que é colocado pelo produtor textual após essa estrutura correlata compõe sua argumentação que pretende convencer de forma contundente o interlocutor. Observamos que o MD explicita a posição do autor, portanto é uma estratégia típica de exposição de conteúdos implícitos que é uma das características principais dos MD. Os efeitos de sentido são bem evidentes.

Em (16), a conexão entre as partes do texto, articulada pelo MD *note que*, se estabelece por meio da recuperação do termo “exemplo”. É a partir da exposição negativa dos fatos relatados que o produtor do texto organiza seu projeto de dizer de forma a manifestar a sua opinião colocada na sequência.

Com essa organização, o autor revela claramente sua postura, suas crenças em relação ao que traz como dado na primeira porção textual e que esclarece ou retifica na porção textual encabeçada pelo MD. Depois desse trecho encabeçado por *note que*, o autor efetivamente evidencia sua argumentação construída ao longo de todo excerto. O autor faz isso não sem antes colocar em relevo a informação que considera importante para que se entenda o que aconteceu nas eleições do Brasil e dos EUA “Esse é, sem dúvida, o maior e mais importante segredo da comunicação: ter a consciência do que os ouvintes desejam”. Observamos que a utilização do aposto só corrobora a ideia de que, quando se sabe organizar a informação, comunicando-a a partir do que o público-alvo deseja, têm-se melhores resultados. Dessa forma, utilizando um bom exemplo de cada área, ou seja, trabalhando bem a informação, atinge-se um público mais abrangente, o que, na opinião do produtor desse texto, pode garantir a vitória de Trump e Bolsonaro nas eleições.

Conclusão

A análise atenta aos dados permite-nos postular, entre outros aspectos, as duas microconstruções aqui investigadas – *note que* e *vá lá* – como exemplos de MD. Evidenciamos em ambas a propriedade de chamar a atenção do interlocutor, que desloca sua referência do contexto situacional para o âmbito do falante. Essa atuação faz ressaltar a função articuladora textual-interacional das microconstruções sob análise, já que articulam usos típicos de conexão textual e intersubjetiva com maior grau de subjetividade, deslocando o foco da atenção do leitor/interlocutor do espaço para o texto, contribuindo simultaneamente na sequencialidade do ato comunicativo.

Após realizarmos levantamento das funções discursivas assumidas pelas referidas microconstruções no contexto de uso, observamos que, de modo geral, os dois MD têm suas subpartes cristalizadas, pois houve um deslocamento das fronteiras estabelecidas nos usos mais prototípicos, seja como verbo e complemento circunstancial numa dada oração, como em *vá lá*, seja como verbo e complemento oracional num período composto, como em *note que*. Dessa mudança de fronteira e

cristalização das subpartes, configura-se um elo de correspondência simbólica que remete ao uso como microconstrução, como observamos na análise dos dados.

Seja num contexto condicional que passa a favorecer uma concessão em prol da argumentação do produtor textual, como *vá lá*, seja num contexto de exposição cuja subvalorização da primeira parte põe em relevo a valorização de um ponto de vista também em prol da argumentação de um autor, como em *note que*, os MD são elementos de conexão lato que auxiliam o projeto de dizer do autor, na medida em que auxiliam a orientação de um caminho interpretativo. Nessa estratégia, o produtor textual põe a mostra sua intencionalidade com a finalidade de convencer, persuadir e conquistar a adesão do seu interlocutor.

Acreditamos que o estudo dos MD, a partir da perspectiva da LFCU, pode contribuir para o exame da língua em seus contextos efetivos de uso. Entretanto, novas pesquisas são necessárias, incluindo dados históricos, a fim de verificar os micropassos da mudança linguística e a hipótese de uma rede de construções que atuam no nível da conexão textual-(inter)subjativa.

Referências

ARENA, A. B.; TEIXEIRA, A. C. M. A expressão de resultado do conector *daí que*: mudança linguística em perspectiva funcional centrada no uso. *Fórum linguístico*, revista do programa de pós-graduação em linguística da UFSC, v.18, p. 6717 - 6731, 2021.

BYBEE, J. *Language, usage and cognition*. Cambridge: cup, 2010.

CROFT, W. *Radical Construction grammar: syntactic theory in typological perspective*. Oxford: Oxford University Press, 2001.

DIEWALD, G. Contexts types in grammaticalization as constructions. 2006. Disponível em: http://www.constructionsonline.de/articles/specvol11/686/Diewald_context_types_in_grammaticalization.pdf. Acesso em: 12 nov. 2021.

FURTADO DA CUNHA, M. A. Funcionalismo. In: MARTELOTTA, M. E. (org.). *Manual de Linguística*. São Paulo: Editora Contexto, 2008, p. 157-176.

FURTADO DA CUNHA, M. A.; OLIVEIRA, M. R. de; MARTELOTTA, M. E. (orgs.). *Linguística funcional: teoria e prática*. Rio de Janeiro: DP&A/ Faperj, 2003.

GOLDBERG, A. *A construction grammar approach to argument structure*. Chicago: The university of Chicago Press, 1995.

GOLDBERG, A. *Constructions at work*. Oxford: Oxford University Press, 2006.

OLIVEIRA, M. R. de; ROSÁRIO, I. da C. (orgs.). *Pesquisa em linguística funcional: convergências e divergências*. Rio de Janeiro: Léo Christiano Editorial, 2009.

RISSE, M. S. ; SILVA, G. M. de O.; URBANO, H. Marcadores discursivos: traços definidores. In: KOCH, I. G. V. (org.) *Gramática do português falado*. Vol. VI. Campinas: Ed. Da UNICAMP/FAPESP, 1996, p. 21-94.

SOUZA, M. M. de. Querer, pretender, considerar: os processos mentais no gênero editorial. In: PG LETRAS 30 ANOS, 2006, Recife-PE, UFPE. *Anais...* v. 1. Recife-PE, 2006. p. 457-469. Disponível em: <https://docplayer.com.br/40979546-Querer-pretender-considerar-os-processos-mentais-no-genero-editorial.html>. Acesso em: 17 set. 2021.

TEIXEIRA, A. C. M. *Construção verbal marcadora discursiva VLocMD: uma análise funcional centrada no uso*. 2015. Tese (Doutorado em Estudos de Linguagem) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2015.

TRAUGOTT, E. C. Grammaticalization, constructions and the incremental development of language: Suggestions from the development of degree modifiers in English". In: ECKARDT, R.; JÄGER, G.; VEENSTRA, T. (eds.), *Variation, Selection, Development--Probing the Evolutionary Model of Language Change*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2008, p. 219-250.

TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. *Constructionalization and constructional changes*. Oxford: OUP, 2013.

Recebido em 13/10/2021

Aceito em 26/01/2022

Publicado em 06/04/2022